

ECORTE
Apartado 2571
14 Lisboa Codex
Telef. 54 48 01

CORREIO DO MINHO Braga	-8. JUL 1980
LIBERDADE Lisboa	
NOVA VIDA Setúbal	
REVISTA ALENTEJANA Lisboa	
DEFESA DE ESPINHO	

Teatro de Camões

387

por J. Cardoso e Guimarães de Sá

(Vol. de 170 x 275 mm. e 264 págs.,
Ed. da Câmara Municipal de Braga,
1980)

Camões, como os grandes góales, não se pertence a si, nem sequer à nação que o gerou. É património da humanidade inteira!

Foi assim que, quando há anos visitei Moscovo, uma universitária russa, de nome de Tânia, pediu como única recordação compensativa da dedicação que tivera para com o grupo de professores internacionais integrantes da minha excursão, um exemplar dos *Lusíadas* em inglês!

Como preito de homenagem justíssimo, têm-se organizado palestras de elevado nível cultural, a que Braga não foi alheia, quer por iniciativa da Universidade do Minho, quer pela realização de conferências na Faculdade de Filosofia, integradas nas festividades académicas.

Neste 4.º Centenário de Camões, sem exagere uma das mais puras glórias da nossa raça, a personificação mais verdadeira do Portugal de antanho, um dos maiores génios do Renascimento, o homem que, no dizer dum crítico, é por si só uma literatura, um dos primordiais cuidados tem sido a reedição das obras do Poeta. A *Crdl-Verbe* publicou edição monumental ilustrada do Poema. Outras casas Editoras têm publicado edições populares do mesmo. Também da Livros estão a aparecer edições críticas.

Na que concerne a Camões dramaturgo, havia uma edição de 1782 e uma edição popular de 1880, na comemoração do 3.º centenário da morte de Poeta. A de Sá da Costa encontrou-se esgotada. Adequa-se assim à oferta da edição popular da Câmara Municipal de Braga. Levaram-na a cabo, sem esmero e profusas anotações dos laboriosos promotores da cultura na cidade de Braga: o Dr. J. Cardoso e Domingos Guimarães de Sá. Aquilo imprimiu à obra o auge do seu talento heurístico e a sua experiência de professor; este marcou-lhe a feição pedagógica, característica da sua longa actividade em prol da orientação da Literatura Juvenil, para a qual contribuiu já com dois grossos volumes e trabalha agora no terceiro.

Camões como épico e como lírico, em que se revela príncipe da poesia e do amor — uma das génies dominantes dessas duas medalhas literárias — vai sendo bastante conhecido entre os nossos estudantes. Oxalá se imprimisse o seu estudo revalorizadora orientação pedagógica que estimule os alunos à verdadeira apreciação literária de Poeta, em vez de lhes estar já de próprietas de velhas bastantes.

Em Camões dramaturgo, em de o amor, que, no dizer de Unamuno, consistiu por assim

dizer, a única paixão portuguesa, se revela, uma vez mais, reflexo da alma amorosa e apaixonada do seu autor, poderão os estudiosos corroborar as suas convicções sobre esta fausta sípica do imortal vago lusitano.

Não ficará desabitada a sugestão, a propósito, do platonismo de Camões, em que se podem focar, sem interesse para os alunos maiores, as faces antagónicas de Aquilino Ribeiro, que se situa numa posição diametralmente oposta: no exceder platonizante de amor camoniano. Talvez quem tenha analisado o problema com mais acuidade crítica, tenha sido o grande Mestre e crítico lírico, João Mendes, cuja *Literatura Portuguesa* (Ed. Verbo) se encontra bem ao alcance e ao nível de mestres e alunos.

Igualmente acessível a mestres e alunos é a presente obra «Teatro de Camões», cuja apresentação gráfica primorosa, bem ilustrada gravuras e, sobretudo, o elucidativo e bem redigido Prefácio; a cuidada Introdução e as instruídas anotações, são de molde a gratificar para a Câmara Municipal de Braga e para os seus co-autores deste importante trabalho os mais calorosos aplausos.

António Freire